



4107 - Trabalho Completo - XXIV Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste - Reunião Científica Regional da ANPEd (2018)
GT10 - Alfabetização, Leitura e Escrita

ALFABETIZAÇÃO CONTRUTIVISTA: Concepção e Prática Docente
Maria Aparecida Rosa de Andrade Alixandre - UFPB - Universidade Federal da Paraíba
Maria das Graças de Almeida Baptista - UFPB - Universidade Federal da Paraíba
Mayam de Andrade Bezerra - UFPB - Universidade Federal da Paraíba

ALFABETIZAÇÃO CONTRUTIVISTA: Concepção e Prática Docente

Resumo: O presente artigo, resultante de uma dissertação de Mestrado, analisa elementos da teoria construtivista piagetiana no processo de alfabetização e na concepção de professoras em escolas municipais de João Pessoa/PB. Tal estudo justifica-se no discurso recorrente das professoras a respeito do construtivismo, e pelo pressuposto de diferentes associações feitas pelos professores em relação à teoria e a prática. A metodologia desse estudo desenvolve-se em uma perspectiva qualitativa, o estudo tem como método científico o materialismo histórico, que propõe compreender o fenômeno em seu trajeto, inter-relacionado com outros fenômenos, por meio de uma historização da problemática estudada, de forma a explorar o processo de construção histórica do construtivismo piagetiano, sua inserção na educação brasileira e na concepção e prática de professores. A pesquisa nos permite destacar as contradições na concepção das professoras, assim como a necessidade de uma maior compreensão sobre as teorias da educação, uma vez que o pouco que se sabe acerca dessa teoria se confunde com outros pressupostos teóricos.

Palavras-chave: Teoria Construtivista. Alfabetização. Educação.

INTRODUÇÃO

Este artigo, resultante de uma dissertação de Mestrado, analisa pressupostos da teoria construtivista piagetiana na concepção de professoras no processo de alfabetização, em Escolas Públicas do Município de João Pessoa. No intuito de atingir o objetivo, o presente estudo desenvolveu-se em uma perspectiva qualitativa, tendo como método científico o materialismo histórico, que propõe uma historização da problemática estudada, pautada na prática e na relação social dos homens. Como ressalta Triviños (1987, p. 51), "o materialismo histórico é a ciência filosófica do marxismo que estuda as leis sociológicas que caracterizam a vida da sociedade, de sua evolução histórica, da prática social e do desenvolvimento da humanidade". Tal perspectiva teórica perpassa todo o desenvolvimento da pesquisa, iniciando pela trajetória histórica da problemática, ao destacar como a teoria construtivista chega ao Brasil e vem se desenvolvendo no âmbito educacional brasileiro e como se manifesta na concepção das professoras e se objetiva no processo de alfabetização. Nesta perspectiva, temos como método de abordagem o materialismo dialético, considerado a base filosófica do marxismo. Tal método busca uma compreensão dialética do mundo. A escolha por tal metodologia justifica-se por nos propormos um olhar questionador sobre o nosso meio, tanto natural quanto social, destacando o conhecimento como resultado de um processo histórico-cultural.

A pesquisa empírica foram selecionadas 10 (dez) professoras com formação no Curso de Pedagogia e que lecionam no 1º ano do Ensino Fundamental em escolas públicas da Rede Municipal de Ensino. Para coleta de dados, a pesquisa teve como técnicas a observação não participante e a entrevista semi-estruturada. Tais procedimentos buscam conhecer o fenômeno em sua totalidade.

Com o intuito de preservar o sigilo em relação à identidade dos sujeitos, estes foram denominados PFx, em que P corresponde a professor, F ao sexo feminino e o x ou o número no intuito de diferenciá-las, ou seja, PF1, PF2, PF3, PF4, PF5, PF6, PF7, PF8, PF9 e PF10, o que equivale a dez professoras participantes da pesquisa.

Nessa vertente, partimos dos estudos de Piaget sobre a epistemologia genética, visto que o termo construtivismo, conforme Macedo (1994) foi utilizado inicialmente por Piaget nos últimos anos de sua produção escrita. Essa teoria destaca que o conhecimento ocorre através de um processo, ou seja, o sujeito constrói seu conhecimento na experiência sobre o objeto. A importância da obra de Piaget é decorrente de sua influência no século XX, principalmente a partir de suas descobertas da psicologia da inteligência.

Piaget não tinha como objetivo criar uma teoria ou um método para educação, mas buscava em seus estudos responder à seguinte pergunta: como o homem constrói conhecimento? Ao longo de sua pesquisa, destacou os processos e etapas de construção da consciência e inteligência, estudou o modo como aprendemos e como conseguimos passar de um nível de conhecimento para outro.

A teoria construtivista chega ao Brasil com o Movimento Escolanovista (esse foi um dos grandes movimentos de renovação da educação brasileira), pautado na adaptação do indivíduo à sociedade. Mas esta teoria se difundiu mais intensamente através de dois autores: Emília Ferreiro (Fez doutorado na Universidade de Genebra, foi orientada por Jean Piaget, de quem posteriormente tornou-se colaboradora.), e Lauro de Oliveira Lima (Fundou a primeira escola piagetiana a partir da Epistemologia Genética de Piaget). Na década de 1970, Ferreiro desenvolveu estudos que tinham como objetivo compreender o processo de aquisição da língua escrita. Nas décadas de 1980 e 1990, os resultados de suas pesquisas foram temas de debates, encontros, e eventos voltados à educação no Brasil, e seu livro *Psicogênese da língua escrita*, derivado desses estudos, é considerado o mais influente no âmbito educacional.

Uma educação e alfabetização construtivista deve ser centrada no objeto de conhecimento. Nesse sentido, Lima (1974, p. 95) assim se

expressa: “suponhamos que temos que ensinar a alguém o que é um gato, para tal atividade sistemática, o cientista deve ter partido da análise empírico-experimental, no caso, através da observação do animal chegando a uma classificação. O autor destaca ainda que, “justamente o contrário: damos a classificação geral e apresentamos o gato como exemplo da espécie, desprezando a ordem genética como o conhecimento se foi sistematizado”. Logo, “é evidente que esta definição cobre imenso vazio epistemológico. Nos tratados científicos, pretendemos abreviar o conhecimento, dando longos processos indutivos ou dedutivos, em seu estágio final de organização científica, clara violação da ordem das coisas” (LIMA, 1974, p. 95).

No atual cenário educacional brasileiro, a escola é norteada pela pedagogia do “aprender a aprender”. Nessa premissa, o construtivismo piagetiano é pautado no processo adaptativo do sujeito. Assim, em pleno século XXI, é comum encontrar escolas e professores que se afirmam construtivistas.

CONCEPÇÕES E CONTRADIÇÕES DA PRÁTICA DOCENTE

A investigação da concepção docente de alfabetização acerca do construtivismo piagetiano, de como o professor compreende tal teoria, revela-se com a entrevista. As informações obtidas revelam que, das dez professoras entrevistadas, 5 se denominam construtivistas, 4 ecléticas e 1 tradicional. As professoras PF1, PF3, PF4, PF6 e PF8 se autodenominam *construtivistas piagetianas*. Elas salientam que fundamentam sua prática em tal teoria. Já as professoras PF5, PF7, PF9 e PF10 enfatizam serem *ecléticas*, uma vez que fundamentam suas práticas em diferentes teorias e teóricos. Das dez professoras entrevistadas, apenas a PF2 se denomina *tradicional*, destacando que “o aluno necessita é de conteúdo.

No início da expansão da teoria de Piaget, destacava-se a falta de um aprofundamento teórico dos professores acerca da psicologia e, mais especificamente, acerca do desenvolvimento da inteligência, além do que a apropriação da teoria ocorria de forma fragmentada. Como ressalta Vasconcelos (1996, p. 69), “Piaget declara-se apreensivo com a dificuldade dos psicólogos, no âmbito escolar, e ainda com relação aos educadores, por terem insuficiente formação em psicologia”.

O motivo que preocupava Piaget, apesar da distância temporal, é possível de ser identificado, ainda na realidade educacional. Em muitos casos, existe uma confusão teórica que fica evidente na fala da professora PF8, que se denomina construtivista piagetiana: “trabalho com a zona de desenvolvimento proximal, a partir daquilo que a criança já sabe para desenvolver novos conhecimentos, prestando atenção à fase de desenvolvimento delas, sensório- motor, pré operatório...”. Nessa perspectiva, a professora apresenta princípios de dois teóricos distintos: Vigotsky, com a “zona de desenvolvimento proximal”; e Piaget com a “fase do desenvolvimento”.

A esse respeito, Vázquez (1968, p. 207) sinaliza que “uma teoria é prática na medida em que materializa, através de uma série de mediações, o que antes só existia idealmente, como conhecimento da realidade ou antecipação ideal de sua transformação”.

A professora PF2, apesar de destacar que “em sala de aula não é necessário teorias, que a prática não se relaciona com a teoria”, em sua prática, trabalha com a “construção de conhecimento”, pressuposto da teoria construtivista. Para o desenvolvimento de sua prática, segundo Piaget (1980, p. 78), deve-se compreender os princípios teórico-metodológicos que a orienta, sendo fundamental ao “planejar uma aula, saber qual objetivo deseja alcançar”.

Na perspectiva construtivista, a ação exercida sobre o objeto pode se configurar para alguns como “barulho”, “bagunça”. A esse respeito, vale salientar a fala da professora PF1, que, com 25 anos de sala de aula e se intitular construtivista piagetiana, destaca não ser compreendida na escola em relação à metodologia que utiliza: “Infelizmente, eu sofro por não ser compreendida. Dizem que meus alunos fazem muito barulho... alteramos a ordem da escola”.

Em sala de alfabetização o professor deve iniciar a aula buscando compreender qual o nível de assimilação do aluno, no que se refere ao tema a ser tratado. Cabe ao professor criar condições necessárias para que o aluno busque em seus esquemas anteriores, ou seja, em experiências anteriores, base para assimilar o novo. Segundo Brasil (1977, p. 16), há situações novas que não encontram, nos alunos, esquemas prévios de assimilação. A ação docente, nesses casos, deve começar *pela preparação dos referidos esquemas*.

A professora PF7, por sua vez, ressalta a necessidade que a sua profissão impõe de buscar se atualizar e de aperfeiçoar o seu conhecimento: “Sou professora, mas me sinto aluna, aprendo junto com meus alunos.” Destacando, ainda: “Sempre busquei técnicas novas para trazer, para desenvolver minhas atividades em sala de aula. A questão dos jogos com palitos, uso do material dourado, contagem dos dedos da mão, jogos com tampinhas...”. Já a professora PF8 destaca: “Na matemática tem muitas atividades e possibilidades, como a trilha de matemática, jogando dados, jogos de agrupar palitos. Também exploro muito as atividades de matemática no livro didático (nesse caso, não construtivista em matemática)”.

As professoras trazem, aspectos positivos e negativos do construtivismo em sala de aula. Positivo, uma vez que a construção do conhecimento é considerado algo prazeroso ao aluno. Negativo, porque as professoras parecem considerar que, em pleno século XXI, o trabalho em sala de aula, na perspectiva construtivista, não supre as necessidades de formação para o mercado.

De acordo com as reflexões feitas pelas professoras, existem algumas dificuldades e contradições para tal prática. Como destaca a professora PF5, “Eu acho que se for só o construtivismo em sala, a criança não consegue se desenvolver, não resolver deixar a criança muito solta”. Já em sala de aula “tem hora que você tem que ‘puxar as rédeas’, mas eu tento trazer um pouquinho de cada teórico para minha sala de aula por influência da universidade”.

Vale destacar que, apesar de as concepções das professoras apresentar alguns elementos da teoria construtivista piagetiana, falta um aprofundamento teórico a respeito do desenvolvimento da criança, dos princípios da construção de conhecimento e da liberdade do aluno, enquanto características da teoria de Piaget.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossas proposições conclusivas resultam de reflexões desenvolvidas ao longo da presente pesquisa e que nos permite destacar a necessidade de uma maior compreensão sobre as teorias da educação, especialmente nesse estudo sobre a teoria de Piaget, uma vez que o pouco que se sabe acerca dessa teoria se confunde com outros pressupostos teóricos. Assim, alguns professores se denominam “ecléticos”, mas ao serem indagados sobre tais teorias, não conseguem pontuá-las.

Para que o professor atinja uma prática coerente, torna-se necessário ir à teoria e ao seu criador, de forma que suas práticas desenvolvidas em qual nível de ensino estejam teoricamente bem fundamentadas, tanto no conhecimento do conteúdo como nos métodos de ensino. As professoras entrevistadas minimizam o ensino de matemática, como fica claro na fala de uma delas: "faço atividades de matemática apenas uma vez por semana"; outras relacionam apenas a jogos, ou ainda atividades no livro didático, dando ênfase ao ensino das letras.

Nesse sentido, faz-se necessária uma mudança estrutural na educação, partindo da formação do professor. Surge, assim, o questionamento: "Como estão sendo formados os futuros professores?". Cabe um estudo mais aprofundado sobre a formação dos profissionais da educação. Contudo, tal formação docente deve preceder de reformas nas leis que regem a educação no país, posto que tais mudanças não ocorrem, uma vez que não é de interesse político e econômico que tenhamos uma "educação de qualidade", com professores bem remunerados, escolas equipadas com materiais didáticos e com estrutura física adequada. Afinal, "educação de qualidade", resultaria em sujeitos autoconstruídos capazes de autogestão, capazes de atuar na transformação do meio e de relacionar-se consigo mesmo e com a coletividade, capazes de se opor a ideologias da classe dominante.

As indagações e angústias compartilhadas de professoras de alfabetização, dificuldades inerentes à articulação da teoria e da prática, mostram que a teoria construtivista piagetiana não atente às atuais necessidades da sociedade capitalista. Afinal, o conhecimento, na vertente capitalista, é tratado como "mercadoria", apresentando contradições com os princípios do conhecimento destacados por Piaget.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Luís Alberto S. **Aplicação da teoria de Piaget ao ensino da matemática**. Colaboração de Lauro de Oliveira Lima. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1977.

FERREIRO, Emilia. **Alfabetização em processo**. Tradução de Sara Cunha Lima. São Paulo: Cortez, 1987.

GAMBOA, Sílvio S. **A dialética na pesquisa em educação: elementos de contexto**. In: FAZENDA, I. (Org). Metodologia da pesquisa educacional. São Paulo: Cortez, 1989.

GRAMSCI, Antonio. **Concepção dialética da História**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

LIMA, Lauro de O. **A construção do homem segundo Piaget: uma teoria da Educação**. São Paulo: Summus, 1984.

_____. **Piaget para principiantes**. São Paulo: Summus, 1980.

MARCEDO, Lino. **Ensaaios construtivistas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

MARX, Karl. **Para a crítica da economia política**. In: _____. *Marx*. Tradução de Edgar Malagodi. 2. ed. São Paulo: Ed. Abril Cultural, 1978. p. 101-132. (Os Pensadores).

PIAGET, Jean. **Epistemologia genética**. Tradução de Álvaro Cabral. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. **Seis estudos de Piaget**. Tradução: Maria Alice Magalhães D'Amorim e Paulo Sérgio Lima Silva. 24ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

_____. **Psicologia e Pedagogia**. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1980.

_____. **Para onde vai a educação?** Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1975.

_____. **Psicologia e Pedagogia**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1972.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VASCONCELOS, Mário S. **A difusão das ideias de Piaget no Brasil**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

VÁZQUEZ, Adolfo. S. **Filosofia da práxis**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1968.